

BAPTISTA CEPellos

O CYSNE

POEMA

Segunda edição, inteiramente refundida e modificada

RIO DE JANEIRO

Typo-Lithographia de J. FERREIRA PINTO & C.

173, Rua do Hospício, 173

1901-1912

OBRAS DE BAPTISTA CEPellos

A DERRUBADA, *poemeto*, 1895 (esgotado).

O CYSNE, *poema*, 1902; segunda edição, 1912.

OS CORVOS, *prosa*, 1907 (esgotado).

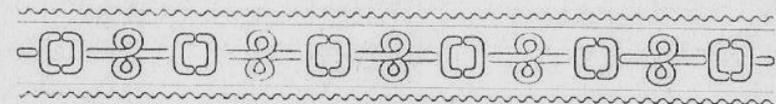
OS BANDEIRANTES, *versos*, 1906; terceira edição, 1911.

VAIDADES, *versos*, 1903, terceiro milheiro (esgotado).

O VIL METAL, *romancè*, 1910, terceiro milheiro (esg.)



VISIONARIO



E' em setembro, numa aldeia, ao
clarear da manhan. Ophir acorda e abre
a janella, que dá para um campo em
flôr.

OPHIR

Sonhei. Na solidão em que me achava,
Mudo e sósinho, caminhando ao léo,
Um lago azul se destacava,
Como um pedaço azul do céu...

E eu pensava ~~no amor~~, amando a vida,
Ao glorioso arrebol do amanhecer.
Nisto vejo uma fôrma indefinida
A' flôr do lago se mover...

Era um ~~cysne~~ ^{um cisne} de neve, um ~~lotus~~ ^{lotus} vivo,
Que, ~~num~~ ^{num} desprendimento encantador,
Erguia ~~so~~ ^{so} collo ~~pensativo~~,
Como um tranquillo sonhador.

Em torno a luz se derramava. Tudo
Estremecia como um coração,
Desde a viçosa alfombra de velludo,
Até ás azas, abertas na amplidão.

A nevoa
E acima d'agua, num pallor de lua,
A nevoa, a se esvair de quando em vez,
Parece um véo de noiva, que fluctúa,
Numa infinita languidez...

Subito, abrindo as azas, fugitivo,
O cysne branco já se foi, além...
E, seguindo-o, não sei por que motivo,
Tenho vontade de fugir tambem...

x
Vago desejo... inatingivel pomo...
Medito... De repente, alva e taful,
Linda mulher surge á flôr d'agua, como
Um lirio branco numa jarra azul...

Seus
Eil-a : envolvida num fulgor de gemmas,
Ostenta o placido perfil.
Seus bellos seios são dois bellos poemas,
Trabalhados á ponta de buril.

Arde
Pelas espaduas niveas e redondas,
Os seus cabellos jorram nos quadris.
Abysmo de ouro, perfumadas ondas,
Onde um mortal póde morrer feliz!

E, embevecido, extatico, supponho
Que, emfim, alcanço aquelle puro amor
Com que sonhava (e parecia o sonho
De um illudido sonhador...)

E, de braços abertos, como um louco,
Vou lançar-me a seus pés... Delirio atroz!
A visão vai sumindo pouco a pouco
E unicamente ouço esta voz :

« Si queres realizar no teu destino
O que acabas de vêr nesta visão,
Encostado a um bordão de peregrino,
Vai pelo mundo em peregrinação. »



A CAMINHO...



Por uma longa estrada, a desenrolar-se entr · uma profusão de ramagens em flôr, um solitario caminhante vai seguindo...

E Ophir partiu por esse mundo a fóra,
Cantarolando uma canção feliz.
A primavera revestia a flora
De um viçoso matiz.

Entre um resoar de canticos e adejos,
Seguia o sonhador.
As verdes ramas lhe atiravam beijos,
Petalas soltas lhe atirava a flôr.

E, tranquillo, gosando a leve aragem,
O viandante gentil
Nem relanceava os olhos na paizagem,
Que lhe accentuava o porte senhoril.

No emtanto, a Natureza
Nunca fôra de certo mais louçan,
E, em toda plenitude da belleza,
Se revelava á luz dessa manhan...

No bosque em flôr, como num bosque helleno,
Tinha-se a sensação
De vêr surgir, num semicapro aceno,
A figura de um satyro brincão.

E pelo niveo curso d'agua viva,
Da espessura através,
Dir-se-ia que uma Nympha fugitiva
Ia molhando os pequeninos pés.

A nevoa, como um lenço desdobrado
Aos fulgores do sol,
Branca, pairava sobre o verde prado,
Onde um rio serpeava em caracol.

E a liza estrada, numa liza fita,
Cortando as solidões,
Traçava uma parábola infinita,
Guarnecida de virides festões.

Um passarinho, num gorgueio rico,
Atravessando o céu, de azas em cruz,
Parecia levar, presa no bico,
Uma orchestra de luz.

E, distraído, sem olhar, risonho,
Ophir seguia os pensamentos seus :
E' que sómente o preocupava o sonho,
Pois o mortal que sonha é quasi um deus!

Emfim, chegado á cuspide de um monte,
Ophir parou, e com que amor filial,
Num derradeiro adeus, volveu a fronte
Para a aldeia natal!

E alli ficou numa attitude immota,
Como ao pé de um altar...
Depois sorriu e proseguiu na rota,
Tão destemido em terra que no mar!

Mas, ao transpor as ultimas divisas
Da aldeia em que nasceu,
De repente, ligeira como as brisas,
Uma branca visão lhe appareceu.

VISÃO BRANCA

Olá, formoso Infante, vem commigo,
Que ainda és novo de mais para viajor,
E bem podem levar-te a algum perigo
Esses olhos azues de sonhador.

Despedaça o bordão de peregrino,
Vamos correr por este campo em flôr...

OPHIR

Não posso! Hei de seguir o meu destino,
Até desencantar o meu amor.

VISÃO BRANCA

Por esta longa estrada quem te espera?
— O inverno agreste, o desespero e a dôr!

OPHIR

Que importa? Levo n'alma a primavera,
Com que hei de engrinaldar o meu amor!

VISÃO BRANCA

Tu comerás o negro pão da esmola
E beberás oceanos de amargor...

OPHIR

O meu amor de tudo me consola,
E tudo eu soffrerei por este amor.

VISÃO BRANCA

Não te abalam conselhos e meiguices,
Mas, falando-te assim, com tal fervor,
Não quizera que um dia succumbisses,
Ante a fatal desillusão do amor.

Não persigas a sombra fementida
De uma nuvem, que ao sol tirou a côr.
A vida é sempre esta enganosa vida!
E o amor carnal é um passageiro amor!

Não me abandones pelos teus desejos;
Fica! Vem aquecer-te ao meu calor:
Por ti, meus labios — são vergeis de beijos!
Meus seios virgens — mananciaes de amor!

Das nossas penas, que serão bem leves,
Ninhos faremos para o nosso amor...
Mas não debes partir, partir não debes,
Como um doido mendigo sonhador!

OPHIR

Sim! Sim! Devo partir! A vóz de um sonho
Taes cousas me falou, que ainda supponho
Ter no ouvido o seu timbre fino e brando,
Nas derradeiras syllabas cantando...

Como ás vezes a aragem matutina
Deixa no espaço um fróco de neblina,
Tal me ficou o tímido queixume
Dessa vóz, que é uma nuvem de perfume!

Eis a causa por que, Visão serena,
Beijo essa mão de neve, que me acena,
Como um lirio que pende a urna impolluta,
E vou para a Illusão e para a Lucta!

VISÃO BRANCA esvaindo-se

Vai, sonhador! Prosegue! Porém quando
Cançares de seguir tua inconstancia,
Debalde os olhos volverás, chorando,
Para a branca visão da tua Infancia!



CANÇÃO DAS AGUAS



Ophir adormece debaixo de uma grande arvore, á margem de um rio, emballado pela canção das aguas passageiras.

CANÇÃO DAS AGUAS

Adeus, flores dos bosques e campinas!
Não queremos ficar nestes marneis!
Vamos, sobre as areias crystallinas,
Rindo e cantando, em celeres anneis,
Como um bando travesso de meninas!

Adeus, montes altivos! adeus, fraguas!
Adeus, ramos em flôr,
Que miraveis a fronte em nossas aguas,
Suspirando de amor!

Nunca mais vos veremos, passarinhos,
Espertos e joviaes,
A mergulhar os trefegos biquinhos
Em nossos mananciaes!
Nunca mais vos veremos, passarinhos!
Nunca mais! nunca mais!

Pelos dias de sol, nos livres campos,
 Vinham os bois pacíficos beber-nos;
 E, apesar da rizeja dos seus guampos,
 Como os seus grandes olhos eram ternos!

Nas aldeias risonhas e singelas,
 Era de vêr-se as raparigas
 Mirarem-se nas águas, como estrellas,
 Entre risadas e cantigas!

E nós, os Rios, tínhamos sêde
 Daquellas fórmãs claras como a espuma!
 E, lindas como peixes, vêde, vêde,
 Ingenuamente a rir, uma por uma,
 Vinham todas cahindo em nossa rede.

Beijavamos seus peitos innocentes
 E alvinhos como as conchas dos mariscos...
 E como estremeciam de contentes
 Seus pésinhos ariscos!

Cingiamos, em tremulos abraços,
 Suas leves cinturas ondulosas,
 Até cahirmos em quebrantos lassos,
 Ao langor das correntes preguiçosas...

E, num raio de sol macio e louro,
 Enfiavamos perolas e gemmas,
 Como num fio de ouro,
 Preparando collares e diademas

Para os collos reaes e as cabecinhas
 Maliciosas, tafues,
 Das nossas formosissimas rainhas
 De olhos meigos e azues.

Ah! mas tudo passou, em dois instantes!
 E foi melhor passar,
 Que nós, os Rios, somos semelhantes
 A esses homens ingratos e inconstantes,
 Que vivem a sonhar;
 Elles vão para o Ideal, sempre risonho,
 Emquanto nós, em nosso eterno sonho,
 Corremos para o Mar...

Dizem que o Mar tem vastidões infindas,
 Por onde as naves, sacudindo os mastros,
 Levam riquezas e mulheres lindas,
 Como um céu cheio de astros...

E que as vagas, em bandos vagabundos,
 Serpenteando, contentes e felizes,
 Percorrem varios climas, varios mundos,
 Conhecem varias gentes e paizes...

Que, de noite, ao luar, sobre as areias,
 Divagam as Ondinas côm de opala;
 E, para ouvir o canto das Sereias,
 De repente, em redor, tudo se cala...

E, num continuo, molle rodeio,
De rocha em rocha batendo os flancos,
Giram as Ondas, em cujo seio
Rolam punhados de lirios brancos...»

È, assim cantando, os claros Rios,
Da côr de um liquido luar,
Foram correndo, luzidios,
Numa cegueira louca,
Para a medonha bocca
Do Mar...

E, abrindo a guela, os enguliu de um trago
O insaciavel Protheu;
E, como a poeira van de um sonho vago,
Tudo no abysmo desapareceu!

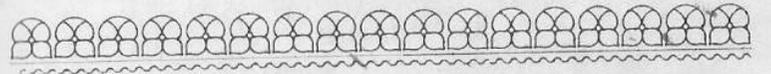
E era uma vez aquelles Rios suaves,
Pelo varzedo a fóra murmurando,
Onde, á tardinha, pezadões e graves,
Iam beber os bois, philosophando...

Ah! nunca mais a correnteza mansa,
Entre gentis risadas e cantigas,
Ha de beijar a velludosa trança
Das ingenuas e alegres raparigas!



SOLIDÃO...

Apollonios Barbosa Gomes Fari Camara 22
Pedro plus Lameira Filho L. Paula e Mello 29
Francisco Mello e Marci 22



Em Delphos, num bosque de loureiros, entre as ruínas de um templo. Pelo chão branquejam pedaços de marmore, como a triste ossada d'um gigante. Vêem-se columnas partidas e estatuas esborcinadas.

OPHIR

Cheguei tarde de mais. Neste sitio nefando,
Impera a solidão, que entristece e horroriza!
O tempo já passou em que as gentes, em bando,
Vinham para escutar a vóz da Pythonisa.

A Hellade pereceu com seus antigos Deuses,
Sob um vento fatal de irreverencia e insulto,
E Ceres já não tem os altares do Eleusis,
Para a celebração do seu divino culto!

Quem, pisando este solo, em dia de hoje, acaso,
Pensará em Marathona e outras eguaes velhices?
Quem dirá que este monte é o antigo Parnaso,
E que sob este céu existira um Ulysses?

As patas do sultão violaram torpemente
A terra em que roçou o divo pé de Marte,
E, entre as profanações desta idade inclemente,
Ruidosamente rue todo um seculo de Arte!

Thesouros, religiões, exercitos e frotas;
 O bronze de Corintho e o marmore de Paros,
 Tudo isso já passou, passou como as gaivotas,
 Que vão cortando o azul dos bellos dias claros...

Verso
 O estudo do Passado é um doloroso estudo.
 O tempo é destruidor e os homens são perversos!
 Mas feliz a nação que, apesar disso tudo,
 Consegue reviver num punhado de versos!

E a Grecia não morreu. Para seu desabafo,
 Hoje, que a Decadencia a enfraquece e intimida,
 Tem Homero, e Anacreonte, e Sophocles, e Sapho,
 —Eternos mananciaes de alentos para a Vida!

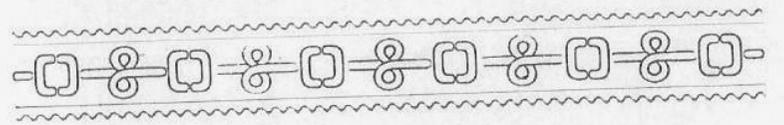
Emfim, que faço aqui, neste logar de assombros,
 Entre a poeirada van de um templo derrubado,
 Como um deus esquecido entre os velhos escombros
 Em que se decompõe a gloria do Passado?

Em lucta com o Destino e seus jogos sorrelfos,
 Soffrendo as privações de uma longa jornada,
 Eu vinha consultar o Oraculo de Delphos,
 Sobre Aquella que um dia ha de ser minha amada.

Mas cheguei muito tarde. Artemis não existe.
 Por isso, inutilmente ás arvores depreco,
 E, como um passarinho abandonado e triste,
 O som da minha vóz resvala de echo em echo...



SAUDADES



Por uma noite de luar, seguindo com
os olhos a lenta caravana das estrelas,
na curva immensa da Via-Lactea...

OPHIR

Tenho saudades do céu risonho
Da minha terra sempre querida,
Onde eu vivera como num sonho
O melhor tempo da minha vida.

Tinha eu sete annos e, prazenteiro,
Sem um peccado no coração,
Acreditava que o mundo inteiro
Cabia á palma de minha mão...

Mais saltitante que um cordeirinho,
Batia os campos e os quintalejos.
Era mais leve que um passarinho,
E as raparigas davam-me beijos...

Uma existencia de musgo e pennas,
Sob a quentura da aza do amor...
Uma existencia que vinha apenas
Abrindo em lírios de um casto alvor...

Os meus desejos, hoje funestos,
Pairando acima dos altos cumes,
Naquelles tempos eram modestos,
Como condores de azas implumes...

Ah! quem me dera revêr aquella
Gente bondosa do meu paiz,
De alma tão candida e tão singela,
Que nem calcula quanto é feliz!

Em vez das tristes viagens que faço,
Rôto de espinhos e de canceiras,
Antes ficasse no teu regaço,
Terra das aves e das palmeiras!

Paulista
Ai dos que seguem as fantasias
Do amor terrível, do amor cruel!
Correm as aguas, passam os dias,
Voga nas ondas o meu batel!

A vida! a vida! sempre enganosa!
Hoje é que eu sinto toda a fragrancia
Daquelle suave botão de rosa,
Daquelle breve sonho da infancia!



NO DESERTO



De pé, sobre um rochedo, nas costas da Bretanha, Ophir medita, solitario; e, diante do mar imenso, os seus olhos profundos são como dois oceanos tenebrosos. Nisto, como surgindo das ondas, aparece-lhe uma Visão Rosea.

VISÃO ROSEA

Deixa as tristezas todas para a idade
Das folhas seccas e da neve. Agora,
Sólta a phalena azul da Mocidade
Por esses campos de esmeralda a fóra...

Vamos por este mar, amplo e tranquillo,
Conhecer maravilhas, rumo incerto...
Depois, subir pelo famoso Nilo
E mergulhar na poeira do Deserto.

E, nesse clima de Africa, inclemente,
Sedentos de aventuras retumbantes,
Perseguiremos implacavelmente
Os trombudos e grossos elephantes !

Scismaremos á sombra dos palmares,
 Enquanto, lentos, as regiões do Congo
 Irão buscando, pelos quietos ares,
 Os tristes ibis de pescoço longo...

Manso e obediente, como um bruto inerme,
 Sob os rigores da soalheira ingrata,
 Um corpulento e grave pachyderme
 Passa com lentidão, batendo a pata...

Rodando para o poente ensanguentado
 A incandescente face côm de cobre,
 O sol desaparece. De outro lado,
 O cabeçaço de um monte se descobre...

Bella paizagem de grandeza augusta,
 Que anima os surtos da Poesia forte!
 Oh! naveguemos pela areia adusta,
 Sem piloto, sem bussola, sem norte!

Assim, cortando as lybicas planuras,
 Levaremos o espirito a outra idade,
 Que não ha melhor cibo ás creaturas
 Do que um pouco de amor e liberdade.

Veremos, entestando com o infinito
 As pyramides... Longe, o saibro ondeia...
 E o Cairo que, de um throno de granito,
 Contempla as gerações... e o grão de areia...

Emfim, percorreremos os paizes
 De outras zonas mirificas e bellas,
 Onde os homens, amados e felizes,
 Adormecem á luz de outras estrellas...

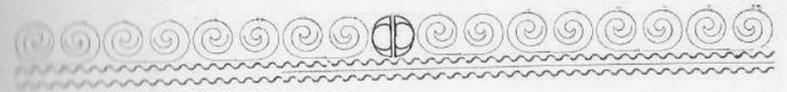
De outras estrellas, cujo brilho é tanto
 Que se derrama em bençams luminosas
 Sobre as pupillas — onde sécca o pranto,
 Sobre os outeiros — onde nascem rosas...

Mas forçoso é ter animo, em verdade,
 Não recuar diante de obices medonhos,
 Porque o Dragão feroz da Realidade
 Guarda as fronteiras do Paiz do Sonho!

Que importa? Vamos sem temores, eia!
 — O mar é calmo e azul, a onda balança,
 E o firmamento triumphal se arqueia,
 Como um signal bemdito de esperança!



DE BEIJO EM BEIJO...



Tempos depois, Ophir recorda os seus amores dispersos. E' no outomno: a Natureza desfallece, entre o choro das folhas sêccas...

OPHIR

Nas boccas que bejei fui bebendo a amargura
Da cicuta e do fel.
E as amadas que amei eram de uma ternura
Toda feita de mel...

Aspirei e mordi labios nunca mordidos,
Seios côr de roman,
Sentindo um transbordar de gostosos gemidos,
Dentro da alma pagan!

Viajei de bocca em bocca o meu beijo de chamma,
Insaciavel de amor,
Como a abelha, a zumbir, vôa de rama em rama,
Pousa de flôr em flôr.

Naveguei, a sonhar, pelas douradas comas
Das mulheres que amei;
E assim fui conduzido ao Paiz dos Aromas,
Na galera de um Rei.

Em Sevilha, ao clarão do luar merencoreo,
 Desparzindo canções
 E puxando o capuz, como um dom João Tenorio,
 Subi floreos balcões...

Outras vezes, subtil, sob a capa fradesca
 Apertando o punhal,
 Ia sugar a flôr de uma boquinha fresca,
 Num portão conventual.

Depois, no cemiterio, á maneira de Hamleto,
 Grave como um doutor,
 Longo tempo ficava ante um mudo esqueleto,
 Meditando no amor.

Ao contrario, em Madrid, rechassava os agouros
 E as tristezas fataes,
 Vendo o sangue correr pela espadua dos touros,
 Em valentes caudaes!

Na Grecia, onde a noção da Linha se conserva,
 Eu, artista sensual,
 Via por toda a parte um perfil de Minerva,
 Seduzindo um mortal.

Ou então, revolvendo os escombros da Historia,
 Eu tinha a sensação
 Do amor e do prazer, da peleja e da gloria,
 Num momento de acção...

E assim, entre o langor de uma nudez divina
 E uma taça de Cós,
 Eu via desfilar a Frota em Salamina,
 Imponente e feroz!

Depois, veiu-me o tédio: um desejo bizarro
 De amar e ser feliz,
 Pois que as deusas da Grecia eram do mesmo barro
 Que as mortaes de Paris.

Pugi. Fui percorrer a mystica Allemanha.
 Eu queria sentir
 Longe, na asperidão de uma floresta estranha,
 A saudade pungir.

Certa noite eu descia o mysterioso Rheno,
 Curvelineando ao léo...
 Noite linda. Um luar melodioso e sereno
 Escorria do céu...

E a guitarra de Inspruck — alma errante das ruinas
 Dos antigos torreões —
 Vertia uma ballada. Os Elfos e as Ondinas
 Murmuravam canções.

Foi nesse instante que, sobre a espuma ligeira,
 Uma Willis, a rir,
 Das aguas me surgiu, desnuda e feiticeira,
 Para logo sumir...

Eu debalde gritei: «Por que foges tão breve,
Com tanta rapidez?»

Mas ella não me ouviu; e, leve, leve, leve,
Nos ares se desfez!

Então, cravei no abysmo o olhar amargurado

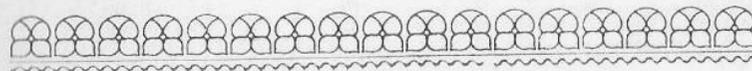
E chorei minha dôr,

Prevendo que jamais veria realizado

O meu sonho de amor!



NUNCA MAIS!



Uma tarde, seguindo uma pastora,
Ophir se perde num valle de alta vege-
tação. Desilludido, senta-se sobre um
comoro e sôlta ao vento estas palavras:

OPHIR

Adeus! A Mocidade é uma illusão que passa,
E' um gorgeio no bosque, é uma tenue fumaça,
Subindo, mansa e azul como a prece de um santo,
Que vôa para Deus, na aza leve de um canto. .
E' flôr que uma só vez o calix desabrocha,
E, no cimo da serra, ou na base da rocha,
O seu perfume é sempre o mais grato que encerra
O seio germinal e fecundo da Terra.

Na immensa Creação, tudo o que foi creado
A uma rigida lei ficou acorrentado.
A lei faz o destino. O que existe obedece.
O sol produz calor, a flôr produz a messe.
Ruge o oceano de encontro ao simples grão de areia,
Luctando como o heróe que defende uma idéa;

Ayco ade
A ave gorgeia. A luz resplende. A mulher ama.
Canta a estrella no céu, o batracchio, na lama.
A Mocidade é um beijo, é a doce cotovia,
Que começa a cantar quando começa o dia;
Mas, dêz que a noite desce, escurecendo os valles,
E a mimosa cecem fecha o mimoso calix,
O canto vai sumindo, assim como um violino,
E não se escuta mais esse canto divino...



DUVIDAS



Num cemiterio, ao cair da tarde, Ophir
medita sob os cyrestes interrogativos...

OPHIR

I

Sybil / Sempre o sêr ou não sêr. A infeliz creatura
Diante do Creador, cambaleia e vacilla.
E a Razão vai bater ás portas da Loucura,
Emquanto a Natureza é obediente e tranquilla.

Sybil / Póde a Sciencia falar — presumpçosa Sybilla!—
Procurando provar que a Crença é uma impostura:
A febre de saber, que a todos acutila,
Sempre foi e ha de ser a maior desventura!

Que hei de fazer, não sei: de um lado vejo o abysmo,
E vejo de outro lado a montanha de trevas,
Na triste solidão do logar em que scismo!

Sybil / Homem, meu pobre irmão, a quem a dôr constringe,
Debalde para o Azul os teus olhos elevas,
Querendo decifrar essa perpetua Esphynges!

II

Acreditei no Amor, falaz toleima,
Que nos corrompe a flôr da mocidade!
E essa horrivel paixão, que ainda me queima,
Fez-me infeliz, desde a primeira idade!

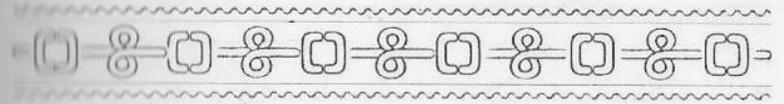
E a vossa historia como foi? Dizei-m'a,
Vós, que dormis no chão da Eternidade:
E' sempre a mesma infatigavel teima,
No circulo da mesma insaciedade!

Maldito, pois, esse primeiro ensejo,
Em que, como a serpente de Laocoonte,
Se enroscou em minh'alma o vil desejo!

E o olhar em chamma ardendo, em suor a fronte,
Por um beijo, que fosse um puro beijo,
Fui buscar outro céu e outro horizonte!



SOMBRAS



A' luz incerta dos fogos-fatuos, diversas sombras surgem dos tumulos, agglomerando-se em torno de Ophir. E todas começam a relatar a historia dos seus amores.

AS SOMBRAS em côro.

Mal despontavamos para a vida,
(Com que illusão!)
Quando sentimos a alma batida
Pela paixão!

Fomos cantando, na madrugada,
Canções do sul,
Vendo nos olhos de nossa amada
Um lírio azul...

Pelas cheirosas manhans bemvindas,
Gosando o sol,
As nossas almas eram mais lindas
Que um rouxinol.

Riam-se os campos de aureos matizes,
 No amanhecer,
 E nós passavamos tão felizes,
 Sem nada vêr...

O passaredo folgava e ria,
 Pelo pomar,
 E, na doçura da Ave-Maria,
 Rezava o Mar...

Nossos dizeres eram mais suaves
 Que a doce vóz
 Com que pipillam as meigas aves
 De aza veloz...

E a nossa vida corria, como,
 Sobre um tapiz,
 Róla um macio, maduro pomo...
 Vida feliz!

Mas tudo logo se fez escuro,
 Na alma sem fé.
 E nada, nada do que era puro
 Ficou de pé!

Um vento frio de peste e morte
 Zumbiu... zumbiu...
 E a Torre de Ouro, macissa e forte,
 Podre cahiu!

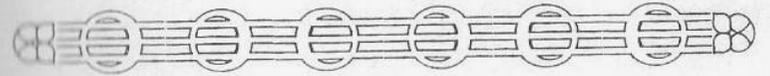
E, pois, mentiram aquelles beijos
 De amor, assim
 Como passaram até os desejos:
 Tudo tem fim!

Nada nos resta da febre louca,
 Daquelle ardor:
 Dos beijos mortos em nossa bocca
 Resta o amargor!

Já não têm forças os nossos braços
 Para cingir,
 E os nossos labios, frios e lassos,
 Não sabem rir...



FATALIDADE



Do alto de um cimo agreste, Ophir
lança um olhar retrospectivo para o ca-
minho percorrido.

OPHIR

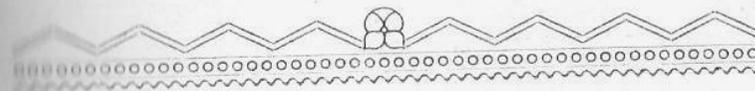
Sonhei, fui sonhador. Arrastando a alpercata
De peregrino, errei na idade florescida,
E, hoje, rememorando essa peleja ingrata,
A minh'alma infeliz se debate perdida.

Trespasso com meus ais o coração da matta,
Onde outr'ora eu cantava uma canção querida,
E sinto o chão tremer sob a grosseira pata
Do Tédio, em que passeio este resto de vida...

Insensato que fui — seguir uma esperança!
Eu devera entregar-me ao capricho da sorte,
E nunca desejar o quê nunca se alcança!

Mas, emfim, para que lastimar deste geito,
Aggravando uma dôr mais terrível que a morte,
Si eu não posso arrancar o coração do peito?!

DE JOELHOS



O Sonhador medita. Pouco a pouco
uma linda visão se desenha diante dos
seus olhos ennevoados. E' suave como
um lírio, tendo nos olhos azues a sa-
dade immortal dos céos azues...

OPHIR

I

Quem és tu? De onde vens? Fala um momento!
Teu olhar na minh'alma se derrama,
Como um balsamo sobre um ferimento,
E deliciosamente me embalsama.

Numa explosão de jubilo violento,
O meu sêr, que jazia sob a lama,
Canta de novo, sob o firmamento,
E nos delirios da paixão se inflamma!

Vejo, ao fulgor do teu olhar bemdito,
As espheras girarem no infinito,
Impellidas por teu divino pé...

Quem serás tu que, soberana e suave,
Tens a força de um leão, num corpo de ave?
— E a Visão respondeu-lhe: «Eu sou a Fé!»

II

OPHIR

Ai de mim! Quem me dera, em teu regaço,
Pender um pouco esta cabeça afflicta,
Como a criança, cheia de canção,
No seio maternal sonha e dormita.

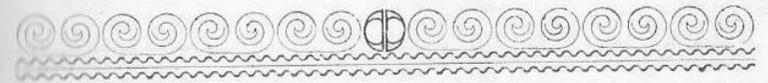
Venho de longe, num dorido passo,
Tenho o peito chagado, a alma precita,
E o meu olhar, sem vibração, é baço
E, como um lago morto, não palpita!

Tem piedade de mim! Dá-me conselhos!
E, como quando eu era pequenino,
Faze que eu reze uma oração, de joelhos...

Talvez... talvez depois de tanta prova,
Possa ainda o tronco deste sêr mofino
Abrir nos altos uma fronde nova!



ULTIMA DÉA!



Sítio deserto. Um negro escarpamento. Em baixo, um fervedouro de águas despenhadas. Ophir vai atirar-se ao abysmo, quando uma visão lhe surge, consoladora e terna, arrastando uma longa clamyde verde...

VISÃO VERDE

Depois que tudo quanto é bello
Te abandonou em pranto, assim,
Hoje és a ruina de um castello,
Que teve torres de marfim...

Mais fiel que a tua propria sombra,
Andei contigo, par a par,
E era mais doce do que a alfombra
A maciez do meu pizar.

Humildemente eu te seguia;
Eras meu dono e meu senhor:
Fui tua socia na alegria
E teu consolo fui na dôr.

O teu mais íntimo desejo
Eu conhecia de antemão:
Eu era a abelha do teu beijo,
O teu caminho e o teu bordão.

Mas hoje o lichen brota e medra
Na torre azul que, dia a dia,
Edificámos, pedra a pedra,
Sobre o areal da fantasia.

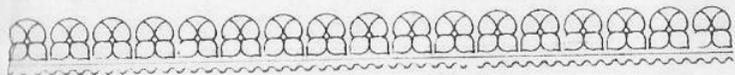
Choremos, pois, sobre o jazigo
De tão fataes aspirações!
Eis-te sem pão e sem amigo,
Roubado até das illusões!

Tudo o que amei, que amavas tanto,
Hoje é um nevoeiro a se esvaír...
Fui teu primeiro amor, no entanto,
Serei a última a partir.

Vamos! Aferra-te na lida!
E o céu te dê perseverança,
Porque, onde houver sombra de vida,
Haverá um raio de Esperança!



VÓZ DA EXPERIENCIA



Espoliado de illusões, como um naufrago, que só consegue salvar a vida, Ophir regressa ao lar. Os doces aspectos da Natureza encantam os seus olhos e purificam a sua alma.

OPHIR

Ventos do sul, cantai, alviçareiros!
Terra, terra da Patria, eu vos saúdo!
Como adejam os passaros ligeiros!
Como a bençam do sol se derrama por tudo!

AS ARVORES

Vinde pousar á sombra destes ramos,
Falai-nos de outros céos e outros paizes.
Pobres de nós que, para sempre, estamos
Encadeadas ao chão pelas nossas raizes!

OPHIR

Não desejeis seguir o extravagante
Corsel da fantasia, que galopa...
O espaço que ahi tendes é bastante
Para desennastrar vossa opulenta copa.

AS PEDRAS

Vinde escutar a nossa dôr insana,
Sentai aqui, formoso peregrino,
Triste é o nosso viver nesta savana!
Quizeramos dar vida a um Zeus Capitolino!

OPHIR

Pedras, não aspireis a uma vaidade,
Si até a vida do bronze é passageira;
E, no continuo decorrer da idade,
A gloria se reduz a um punhado de poeira!

OS RIOS

Vamos de penedia em penedia,
Correndo sem cessar... Fado tyranno!
Dizei-nos, pois, si ainda está longe o dia
Em que iremos dormir no seio azul do Oceano.

OPHIR

Fôra melhor que vos bebesse a areia,
Que o inverno vos tolhesse o movimento,
Do que ir seguindo um canto de sereia,
Até que vos engula o iracundo Elemento.

OS PASSARINHOS

Quem nos dêra ser aguias ou condores,
Cortar soberbamente o céu aberto,
Em rumo desses climas, onde as flores
Rasgam jardins-reaes no meio do deserto!

OPHIR

Deixai as fontes claras e modestas,
E o ninho fofo sobre o debil galho,
Deixai o farto abrigo das florestas,
E um dia chorareis por um pingo de orvalho!

UM CAMINHANTE

Não quero, sob a dôr que me devora,
Morrer longe do amor dos meus amores,
Por isso vou por este mundo a fóra,
Como através do mar vão os navegadores...

OPHIR

O coração pungido se me parte,
Ao vêr-vos nesse ingenuo devaneio;
As mulheres que vi por toda parte
Têm hydromel na bocca e viboras no seio!

TODOS desesperados

Que faremos, então, desta maneira,
Sem ideal, sem amor, sem esperança?

OPHIR continuando o caminho

E' sonhar... é sonhar a vida inteira,
Porque o sonho melhor é o que nunca se alcança!

CAIR DO AZUL!



De uma curva do caminho, o Sonhador descortina ao longe a doce aldeia natal, como um punhado de cinza no horizonte... Perto se arrasta um lamacento fiô d'agua.

OPHIR

Fiz a volta do Globo, errei de plaga em plaga,
Rolei pelo Universo,
Deixando no caminho, em florescencia vaga,
Um pouco do meu sangue e do meu sêr disperso.

Minha frente orgulhosa, em meio á treva espessa,
Fulgurava, porquanto

Sonho / Eu tinha um resplendor de sonhos na cabeça,
Egual ao que se vê na cabeça de um santo...

Viajei. Fui percorrer mundos velhos e novos,
Achava pequenino o patrio Continente,
E, em meio á confusão babelica dos povos,
Chorei amargamente!

Tudo me abandonou em meio do caminho
Menos o Tedio vil, que carrego nos hombros!
Fiquei mudo e sósinho,
Como um pilar erguido entre montões de escombros!

Mergulhei nos sertões da America florida,
 A minha tenda ergui nas gandaras do Sahara,
 E nunca vislumbrei a Terra Promettida
 Do amor com que sonhara!

Volto. Bemdito seja o berço meu querido!
 — Suspirado remanso,
 Onde venho encontrar, modesto e arrependido,
 Uma pouca de terra e um pouco de descanso!

OPHIR curva a cabeça, e des-
 alentado, vendo o seu retrato reflectido
 n'agua:

Ai! por uma illusão, feita de um sonho vago,
 Ao mundo me atirei, percorri o mundo todo,
 E, em vez de um branco Cysne, a boiar sobre um lago,
 Vejo as faces de um velho espelhada no lodo!

E aquelle grande amor da minha mocidade,
 Nunca mais o verei, sob a noite que desce;
 Foi um sonho fugaz, foi a felicidade,
 Que, perdida uma vez, nunca mais reaparece!

UMA VÓZ

Consola-te, infeliz! Não terá termo a guerra
 Entre o Ideal e a Razão, mau grado o soffrimento,
 Emquanto o homem sentir sobre a face da terra
 O grilhão da Materia e a aza do Pensamento!

1901.

FIM

OPINIÕES CRITICAS

O CYSNE

Fragmentos de algumas opiniões críticas, manifestadas ao
aparecer a 1ª. edição deste poema, em 1902

.....
...Paciente e abnegado cinzelador, artista de soffrer pelo aperfeiçoamento de uma peça, consumir todas as forças e todas as ancias na composição perfeita de um soneto, se me afigura Baptista Cepellos, autor do poema *O Cysne*.

E' de S. Paulo o poeta; e, sem talvez o haver imaginado, trouxe-me na dedicatoria gentil, não tanto uma homenagem, nem eu acredito nellas, mas a eloquente recordação de uma camaradagem affectuosa naquella terra em que ao tempo de nos conhecermos, com a mesma mocidade e as mesmas illusões, escrevinhava eu os primeiros contos, burilava elle os primeiros versos. A imagem que delle guardo é a de ha seis annos: meia estatura, muito louro, olhos e falla profundamente doces, uma bondade e um amor á sua arte inexcedíveis. Era estudante e parece que tambem militar; ás vezes fardava-se.

E Carlos Fernandes, que já possuía o segredo dos bons versos e da fulgurante phrase, pilheriava-o amistosamente — enquanto o Julinho das *Stalactites*, em quem já a impotencia cerebral comprovada no insuccesso dum primeiro e unico livro, accendia uma ranco-

rosa inveja de tudo e de todos, o envolvia de sorridentes conselhos e ainda mais concertados elogios, avido de novas amizades litterarias e de espirituaes solidariedades.

Nesse bom tempo, Cepellos rimava simplesmente o amor — o amor que deseja e lisongeia em madrigaes, o amor que triumpha e a si proprio entôa arrebatados hymnos, o amor que desespera na funebre orchestração das elegias. Agora, tendo concebido a idéa philosophica duma vida e alargado os seus idéaes artisticos a uma fórmula propria e rigorosamente esthetica, dá-nos este *Cysne*, de aspirações mais vastas e sob o baptismo superior de — poema.

O poema de Cepellos abre com esta cantante e luminosa rubrica :

.....
 ...Desse Ophir e dos seus sonhos de gloria, tão facilmente realizaveis na singeleza e na brancura dessa primeira Visão da vida, canta elle os tormentos e as amargas desillusões. Ophir não se contenta com o pedaço de terra e a immensidade de céu que o seu olhar avista, parte para a aventura e para o desconhecido. Fatalmente a adversidade o persegue, por toda a parte se lhe estendem ao olhar ancioso, em vez das maravilhas e dos thesouros que fantasiára, só os asperos matagaes e os pavorosos desertos que symbolisam a decepção. No ponto mais doloroso da jornada, o viandante exausto folheia as suas reminiscencias, resume as suas melancholias neste nobre soneto: (vide p. 59)

Sonhei, fui sonhador. Arrastando a alpercata
 De peregrino, errei na idade florescida,
 E, hoje, remembering essa peleja ingrata,
 A minh'alma infeliz se debate perdida.

Trespasso com meus ais o coração da matta,
 Onde outr'ora eu cantava uma canção querida,
 E sinto o chão tremer sob a grosseira pata
 Do Tedio, em que passeio este resto de vida.

Insensato que fui! — seguir uma esperança!
 Eu devera entregar-me aos arbitrios da sorte
 E nunca desejar o que nunca se alcança!

Mas, enfim, para que lastimar deste geito,
 Sobre a poeirada vã de um caminho sem norte,
 Se eu não posso arrancar o coração do peito?!

E dahi, tendo desejado morrer, mas acudindo-lhe ainda uma rebrilhante e salvadora esperança, retrocede, de novo toma o rumo daquella pequenina terra e d'quelle pequenino idéal em que, senão a felicidade, ao menos uma feliz resignação podia envolver o resto dos seus fatigados dias.

« Mergulhei nos sertões da America florida,
 A minha tenda ergui, nas gandaras do Sahara,
 E nunca vislumbrei a Terra Promettida
 Do amor com que sonhára!

Volto. Bemdito seja o berço meu querido!
 — Suspirado remanso,
 Onde venho encontrar, modesto e arrependido,
 Uma pouca de terra e um pouco de descanso!»

Eis o poema de Baptista Cepellos, que foi minha delicia e minha ventura lêr de um folego, e pelo qual através a distancia que os nossos corpos separa, estendo ao poeta os enthusiasmos sinceros de uma alma que ama a sua.

JOÃO LUSO. JHP

* * *

Ha coisas lindas no *Cysne*. Quem o escreveu possui verdadeiro talento poetico.

Que a vida sempre lhe corra, como,
Sobre um tapiz,
Róla um macio, maduro pomo...
Vida feliz !

Eis os votos sinceros de

AFFONSO CELSO.

* * *

Baptista Cepellos é um poeta ainda moço. Além de composições esparsas por jornaes e revistas e do poemeto *A Derrubada*, com que estreou, acaba de publicar *O Cysne*. Li-o de uma assentada, coisa talvez de meia hora, e firmou-se com a leitura o juizo que eu já fazia de quem tão fidalgo se mostra nas lettras quanto modesto na vida. Ophir, o heroe do poema, parte de sua terra, á procura do ideal, que lhe surgiu em sonho sob a fórma de um cysne. E' pois um cavalheiro como Lohengrin (o Loreno Garin) e tantos outros que Wagner e os symbolistas resuscitaram das lendas da idade média. Sae disfarçado em mendigo, de farnel e bordão, e lembra-nos aqui Frederico, o rei-cruzado, dos *Burgraves* de Victor Hugo. Ao despedir-se da terra, leva comsigo, deante dos olhos da alma, a branca visão da sua infancia. Percorre o mundo, repetindo talvez, como Paulo Eiró, o nosso infeliz poeta de Santo Amaro, que acabou os dias entre as paredes do hospicio :

« Sou peregrino — os vestigios
Sem conta do meu bastão
Atraz de mim se apagaram
No livro do coração;
Não guardo memoria alguma,
Que fôra guardar em vão. »

Vae á Grecia, mas não mata a sua sêde de Ideal, porque os deuses já desertaram da gloriosa Hellade, onde o moço só encontra columnas partidas, moles de marmore, estatuas esborcinadas e ruinas de templos; o abandono da arte com o da religião, que a inspirava.

Surge ahi uma visão rosea, que o convida a saltar pelo espaço a phalena azul da Mocidade, e, dirigindo-se ao Egypto, a terra-mãe da civilização occidental, elle divaga pelo clima inclemente da Africa, « ao cadenciado trote de um camelo ». E, nestes errores constantes, vae-se-lhe a Mocidade, « como uma onda que passa », como um gorgeio na *selva oscura* da vida... Meditando sob os cyprestes de um cemiterio, ao cahir de uma tarde cinzenta, levantam-se dos tumulos, como no *Inferno* de Dante, as sombras de amantes lacrimosos, até que contempla, levado pela merencoria suggestão daquelle recolhimento, o phantasma carinhoso da Fé, que lhe apparece, vinda do alto e tão azul como o céu, donde veio.

Mas Ophir não acha remedio para o seu scepticismo.

Nesse desconforto de um sonho inattingido, chegalhe, por fim, a visão verde da Esperança, que nunca abandona um só resto de vida, e elle volta á terra natal, com o canção descripto por Eça de Queiroz em seu derradeiro volume, e dizendo, quiçá, como o poeta portuguez :

« Ai triste de quem andou
 Por longe, cheio de magua,
 Tendo fome de seu pão
 E sêde de sua agua. »

Finalmente Ophir cae exaustão, á beira de um fio de agua, no momento em que avistava a sua aldeia natal.

E o peregrino, que se debruça sobre o liquido espelho, encontra, em vez do lago azul com que sonhara, « a caveira de um velho espelhada no lodo ! ».

Quem não vê no heróe de Cepellos a imagem poetisada do homem, que ha de ser sempre assim, emquanto luctar nelle « contra o grilhão da materia, a aza do pensamento » ?

Combine agora o leitor a força e a concisão da idéa com a sonoridade dos versos e poderá saber por longe o valor do poema.

Fôra difficil destacar as bellezas da obra, porque a variedade d'ellas quasi que impediria a escolha. Comtudo não deixarei em silencio a *canção dos rios* e a descripção do mar.

Como esses trechos, outros muitos ha, que revivem as concepções e a finura de traços da arte hellenica.

SILVIO DE ALMEIDA.

* * *

Eis-me aqui, longe do bulicio enervante da cidade, em meio á doce calma dos campos, avigorando o corpo e deliciando a alma, emquanto, de dia, o sol derrama bençams do alto e, á noite, a geada vai crestando os cafézaes em flor...

Incumbiram-me de algo dizer sobre o livro de um poeta. E não ha fugir. Força é, pois (embora assim

com uns ares de improvisado Taine da roça), desentorpecer os musculos, preparar a penna ha tanto abandonada e exprimir, em palavras frivolas, o que sinto e o que penso acêrca d'*O Cysne*, de Baptista Cepellos.

Vem a proposito declarar que o auctor do poema, cuja leitura durante horas me encantou, foi meu collega de aula, por espaço de cinco annos, no curso juridico da Academia de S. Paulo. Tal facto, porém, não implica a menor suspeição da minha parte : porque, comquanto fossemos ambos companheiros de estudos e igualmente devotados ás letras, jámais houve entre nós outra relação que não constituísse a de mera convivencia de estudantes. Mesmo assim, poucas vezes nos achegámos um ao outro, raramente palestrámos juntos. Isso era devido ao temperamento recolhido de Cepellos, cuja alma, escassamente expansiva, ora brilhava no sorriso fino e amavel, ora se annuviava através do olhar meigo e pensativo...

Nos corredores da Academia e nas ruas da Capital, fervilhava, nessa epocha, entre os litteratos, muita paixão infima e nociva (como sóe, em geral, acontecer com os officiaes do mesmo officio), e Cepellos, o poeta sereno e simples, talvez se julgasse deslocado e incomprehendido nesse meio, qual a planta silvestre encerrada na estufa.

O Cysne foi, para mim, uma verdadeira revelação. Livros como esse, hoje em dia, em que a inspiração rasteja e o gôsto fallece, são tão raros como o foram, outr'ora, as essencias da Arabia e os vinhos de Corintho.

O trabalho material, entremeado de vinhetas, é artistico e singelo. A disposição do poema, que abrange

dez ligeiros cantos, sempre encimados por pedaços de suavissima prosa descriptiva, recorda, com o destaque vivo das linhas explicativas, em vermelho, sôbre os textos poeticos, em negro, as folhas graves dos missaes liturgicos.

.....

.....

A idéa do poema é bellissima e real, comquanto se approxime muito da de *Sagramor*, de Eugenio de Castro. O livro de Cepellos, porém, não desmerece com isso, mesmo porque, no dizer de Goethe, « toda idéa é uma reproducção ». Demais, é sabido que todas as peças de arte encerram excellencias e vulgaridades, e *O Cysne* possui mais bellezas do que defeitos. Além da geral correcção da linguagem, ha muita expressão fina, muita comparação original, muito pensamento delicado. O leitor fica indeciso si deve admirar mais os versos cantantes ou a prosa encantadora. Todo o poema, onde o Sentimento vibra e a Fôrma esplende, contém o que ha de mais subtil no cheiro, de mais harmonioso no som e de mais nitido na côr : ora se sente o aroma de flores gratas, ora se ouve a melodia de violinos ternos, ora se vê o colorido d'uma aquarella romantica. . .

E' ao mesmo tempo doce e sublime que a alma do poeta (que a si proprio encarnou no Ophir joven e sonhador) cicie, umas vezes, no recolhimento mystico da prece e estue, ontras vezes, no entusiasmo triumphal do hymno ! E, agora, deve o inspirado Cepellos idealmente passar, como um rhapsoda grego, tendo os louros na frente, a caminho da Gloria, bafejado de incensos e aclamado de palmas. . .

EURICO DE GOES.

* * *

« Não queria agradecer-lhe o seu excellente poema, sem o ter lido primeiramente. Li-o todo, quasi de um folego, e com um prazer que raras vezes experimento com a leitura de versos. Li-o com o interesse e cuidado que me merecem, de ha muito, os seus trabalhos. E o que torna o seu livro interessante é que nelle se encontra, de uma maneira tão suave e ao mesmo tempo natural, a moderna arte a par da fôrma e do rythmo classicos. *O Cysne* é, na minha opinião, um dos melhores livros em versos que conheço na arte brasileira. »

FRANCISCA JULIA DA SILVA.



INDICE

	Pags.
Visionario.....	3
A caminho.....	9
Canção das Aguas.....	17
Solidão	23
Saudades.....	27
No Deserto	31
De beijo em beijo.....	37
Nunca mais	43
Duvidas.....	47
Sombras.....	51
Fatalidade.....	57
De joelhos.. ..	61
Última Déa	65
Vóz da Experiencia.....	69
Cair do Azul.....	75
Opiniões criticas	I



